

NAVEGANDO NAS ÁGUAS DA IDENTIDADE BRASILEIRA: UMA REFLEXÃO EM TORNO DE *CASA-GRANDE & SENZALA* E *TENDA DOS MILAGRES*

SAILING IN THE WATERS OF BRAZILIAN IDENTITY: A REFLECTION AROUND *THE MASTERS AND THE SLAVES* AND *TENT OF MIRACLES*

Patrícia I. Martinho Ferreira¹

RESUMO: Este ensaio explora a questão da identidade racial brasileira e, mais particularmente, coloca em diálogo dois autores incontornáveis: Gilberto Freyre e Jorge Amado. Tanto o sociólogo pernambucano quanto o escritor baiano têm sido repetidamente justapostos quando se pretende refletir sobre a construção da identidade brasileira, por isso, a comparação que aqui fazemos não é nova. Cremos, contudo, que os limites desta comparação ainda não foram esgotados. A análise de *Casa-grande e Senzala* (1933) e *Tenda dos Milagres* (1968) permitir-nos-á, por um lado, verificar de que maneira a aproximação entre os dois autores tem sido feita e, por outro, confirmar ou não se estes abordam a questão da democracia racial e pensam a nação da mesma forma.

PALAVRAS-CHAVE: identidade brasileira; democracia racial; gilberto freyre; jorge amado.

ABSTRACT: This essay aims to explore the question of Brazilian racial identity and, more particularly, put two well-known authors in dialogue: Gilberto Freyre and Jorge Amado. Both the sociologist from Pernambuco and the writer from Bahia have been repeatedly juxtaposed when one wants to reflect on the construction of Brazilian identity, therefore the comparison that we are establishing here is not new. We believe, however, that the boundaries of this comparison have not been exhausted. A close reading of *The Masters and the Slaves* (1933) and *Tent of Miracles* (1968) will allow us, on the one hand, to check how the comparison between the two authors has been made and, second, to confirm or disconfirm if they address and present the question of racial democracy and the nation in the same way.

KEYWORDS: brazilian identity; racial democracy; gilberto freyre; jorge amado.

Quando se fala em identidade brasileira um dos aspectos que mais se ressalta é a questão da mestiçagem e, conseqüentemente, a questão da “democracia racial”². Ao longo da história intelectual brasileira e, sobretudo, em abordagens de natureza sociológica e antropológica que se debruçam sobre as raízes do Brasil, a tendência para a miscigenação foi, e continua a ser, apontada

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown (Providence, RI, Estados Unidos da América). E-mail: patimf@brown.edu.

² Ilana Goldstein refere que o tema da democracia racial “faz parte da agenda da maioria das reflexões sobre o Brasil. Seja como alvo, por parte de seus críticos, seja como motivo de orgulho para os seus partidários (...). Uns pensam que já vivemos em meio à democracia racial; outros, que devemos lutar para chegar a ela. O próprio Movimento Negro Unificado – organizado em torno de uma lógica bi-racial, que desconsidera a existência de mestiços –, termina seus manifestos reivindicando ‘uma verdadeira democracia racial’, como a que teria existido no Quilombo dos Palmares, congregando negros, brancos e índios.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 285)

As reflexões em torno da questão da mestiçagem são também uma constante na história intelectual de toda a América Latina, como nos mostra Lourdes Martínez-Eschazábal no seu artigo “*Mestizaje* and the Discourse of National/Cultural Identity in Latina America, 1845-1959” (ver referência completa na bibliografia).

como uma das especificidades da sociedade brasileira, historicamente decorrente do tipo e vicissitudes da colonização portuguesa no Brasil.

Quer seja através do traço de “mistura” referido por Manuel Bomfim, os traços de “mobilidade”, “aclimatabilidade” e “hibridização” explorados por Gilberto Freyre ou o traço de “plasticidade” de que fala Sérgio Buarque de Holanda, as vivências do colonizador português nos trópicos foi temática recorrente na história intelectual brasileira, na primeira metade do século XX. Referindo-se ao processo de formação do Brasil, Vianna Moog, por exemplo, alerta para o facto de as circunstâncias históricas terem favorecido no Brasil “o natural processo de miscigenação” (MOOG, 1969, p. 70), ao contrário do que aconteceu nos EUA.

Na verdade, Moog retoma, em *Bandeirantes e Pioneiros* (1954), o discurso de Bomfim, Freyre e Holanda sobre a predisposição do colonizador português para a mistura racial. Tendo indo sozinho para os Novos-Mundos (ao contrário do colonizador anglo-saxônico que foi inserido na sua “comunidade”), o colonizador português cedeu “ao impulso dionisíaco” e, por isso, a miscigenação foi para si um processo natural, pois já a havia experimentado na sua terra de origem (a esta maior miscibilidade, pode acrescentar-se igualmente, a prática de um catolicismo mais permissivo³). Apesar das ressalvas sobre a marca de violência sexual que não pode ser ignorada quando se aborda o “cruzamento racial” a que se assistiu no contexto do Brasil colonial, para os autores citados tal “cruzamento” é, em traços gerais, um das características identitárias mais relevantes na sociedade brasileira, alimentando não só o pensamento intelectual, mas, e sobretudo, o campo das artes, quer seja a literatura, a música, o cinema, ou outra manifestação artística.⁴

O presente ensaio visa, neste contexto, explorar a questão da identidade racial brasileira e, mais particularmente, colocar em diálogo dois autores incontornáveis neste contexto: Gilberto Freyre e Jorge Amado – dois autores de grande sucesso e grande aceitação nacional e internacional. Tanto o sociólogo pernambucano quanto o escritor baiano têm sido repetidamente justapostos quando se pretende debater ou refletir sobre a construção da identidade brasileira, pelo que a comparação que aqui fazemos não é nova, nem original. Cremos, contudo, que os limites desta comparação ainda não foram esgotados e, por isso, a nossa proposta de reflexão pretende, por um

³ Freyre fala a este propósito de um “cristianismo liricamente social” (FREYRE, 2001, p. 34).

⁴ *O povo brasileiro* (1995) de Darcy Ribeiro é outro exemplo interessante para este debate. Ribeiro conclui com este livro o seu vasto projeto sobre a civilização brasileira e a América Latina, no qual procura fazer uma teorização não eurocêntrica. O autor acredita que o povo brasileiro é um “povo novo”, surgido da “confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos.” (RIBEIRO, 1995, p. 19) Desta forma, Ribeiro participa, à sua maneira, da chamada fábula das três raças. O brasileiro é um povo novo, homogêneo e unificado porque surge como uma etnia nacional “diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos.” (RIBEIRO, 1995, p. 19) Mas ao mesmo tempo é um povo velho, “um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis.” (RIBEIRO, 1995, p. 20)

lado, verificar de que maneira a aproximação entre os dois autores tem sido feita e, por outro, confirmar ou não se estes abordam a questão da democracia racial e pensam a nação da mesma forma. Portanto, a pergunta que nos guiará neste ensaio é, em termos gerais, a seguinte: Freyre (1900-1987) e Amado (1912-2001) tratam da democracia racial brasileira, mas será que o fazem da mesma maneira? Para responder a esta pergunta, apoiar-nos-emos essencialmente nos textos *Casa-grande e Senzala* (1933) e *Tenda dos Milagres* (1968).

De uma forma bastante resumida, *Casa-grande e Senzala* faz parte do projeto modernista da busca das raízes do Brasil. Esta obra sociológica e antropológica desafia o modo como os brasileiros negaram historicamente o contributo árabe, indígena e africano na sua cultura. Freyre analisa a colonização portuguesa no Brasil através de variados temas como a comida, o sexo, a escravatura, a religião, a música, o crescimento das crianças, a medicina, entre outros, dando conta de um *ethos* brasileiro. Freyre pensa a família patriarcal como meio de colonização e como célula geradora da identidade brasileira.⁵ O romance *Tenda dos Milagres* conta a história de Pedro Archanjo, mestiço pobre, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, que se dedica ao estudo do sincretismo genético e cultural do povo baiano. A sua posição de combate ao racismo e à repressão da cultura afro-brasileira é mal recebida pela elite baiana. Só depois da sua morte, Archanjo e a sua obra ganham relevância através do interesse que despertam num cientista estrangeiro. A narrativa estrutura-se em dois tempos que se entrelaçam: o presente da escrita (final dos anos 60) em que se relata a chegada de um cientista estrangeiro ao Brasil, cujo propósito era conhecer a terra de Pedro Archanjo, e o início do século XX, em que se assiste às peripécias da vida de Pedro Archanjo.

Começemos por anotar, para já, certas diferenças entre as obras de Freyre e Amado que nos parecem bastante óbvias. No primeiro caso, estamos perante uma obra de natureza sociológico-antropológica, cujo estilo narrativo e registro de língua carregam uma dimensão fortemente literária. No segundo caso, estamos perante uma obra ficcional cujo propósito principal parece ser o de fazer uma análise sociológica e antropológica da sociedade baiana e, por extensão, da sociedade brasileira.

⁵ Tal como *Casa-grande e Senzala*, também *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda participa deste projeto sobre as origens do Brasil e a identidade nacional brasileira. Tanto Freyre quanto Holanda denunciaram o preconceito de raça, valorizaram o elemento de cor, criticaram os fundamentos patriarcais e agrários e desmistificaram a retórica liberal. Contudo, enquanto Freyre apresenta uma visão otimista da sociedade patriarcal do século XVII, Holanda esboça uma visão mais pessimista da herança histórica. Holanda demonstra como as origens ibéricas e católicas do Brasil permanecem ainda vivas no presente, entravando a modernização política, económica, social e mental do país. As raízes culturais históricas deveriam, por isso, ser abandonadas. Holanda estava mais interessado na história das ideias e das mentalidades e menos numa história/visão política e económica. Já Freyre estava mais interessado na história da vida privada.

Tais diferenças de objetivos e estilo decorrem naturalmente do percurso intelectual e profissional dos autores e emergem, por isso, nas suas próprias reflexões. É conhecidíssima, por exemplo, a posição de Freyre sobre a natureza dos seus estudos. Em *Como e porque sou e não sou sociólogo*, publicado em 1968, Freyre dá diversas pistas para entendermos a sua escrita, insistindo na natureza miscigenada do seu próprio método de trabalho e afirmando, logo no início do prefácio, o seguinte:

Não sou nem pretendo ser sociólogo puro. Mais do que sociólogo creio ser antropólogo. Também me considero um tanto historiador e, até, um pouco, pensador. Mas o que principalmente sou creio que é escritor. Escritor - que me perdoem os literatos a pretensão e os beletristas, a audácia - literário. E ao lado do sociólogo reconheço haver em mim um anti-sociólogo. Nas páginas que se seguem não procuro explicar tais contradições: apenas constatá-las. Aceito-as em vez de me envergonhar delas. Aceito sua coexistência. (FREYRE, 1968, s/p.)

No caso de Jorge Amado, temos um jornalista de formação e um escritor profissional cuja obra espelha essencialmente a preocupação com a construção da identidade nacional e o debate em torno de questões sociais e de temas relacionados com as tradições e costumes brasileiros. Dito de outra maneira, podemos classificar Jorge Amado como um escritor com preocupações sociológicas e antropológicas. É essa, aliás, a pista de leitura que Lilia Schwarcz nos dá na apresentação do estudo de Ilana Goldstein:

Jorge Amado nunca se definiu como antropólogo, mas sempre o foi, mesmo sem querer ou saber. Suas personagens são pessoas das ruas de Salvador; a Bahia que descreveu foi aquela que o fotógrafo Verger immortalizou e que o pintor Carybé encontrou em Jubiabá e se deixou ficar. O mundo que criou na verdade já nasceu criado ou imaginado. (GOLDSTEIN, 2000, p. 9)

Assim sendo, arriscamos mesmo a dizer que, se Freyre se preocupou em desvelar os véus do passado histórico para explicar o seu presente e desejar um futuro de convivência racial mais ou menos harmoniosa, Amado empenhou-se a dar vida a personagens que recriam o passado histórico, discutem as relações entre passado e presente e, desse modo, conseguem dialogar com o leitor, apontando pistas de reflexão e de ação. Freyre optou por uma perspectiva de especialista que, de cima para baixo, analisa e categoriza a sociedade em que vive. Amado optou pela perspectiva de um observador sensível que caminha pelas ruas e, desse lugar, expõe as vivências da sociedade em que vive.

Não queremos com esta contraposição afirmar que o pensamento de Freyre, em *Casa-grande & Senzala*, não se oriente de forma pragmática para o futuro, pois sabemos bem que este autor

(seguindo de perto a ideia de que a biologia não é determinante) considerava que o regime alimentar deficitário e as doenças como a sífilis mantinham o Brasil preso a fatores de subdesenvolvimento. Freyre acreditava mesmo que a “higiene” era um fator transformador e de melhoria social e, nesse sentido, defendeu e apoiou as campanhas dos sanitaristas cuja missão era “curar” o Brasil.

Com efeito, podemos dizer que ambos os autores recusaram e desconstruíram a ideia-chave do “racismo moderno”, isto é, a ideia de que as desigualdades entre os seres humanos estão fundadas na diferença biológica, na natureza e na constituição do ser humano. Podemos também dizer que, para ambos os autores, a miscigenação é valorizada⁶ e vista, num discurso em que se privilegia a fusão cultural, como um traço caracterizador da sociedade brasileira, no entanto, essa valorização é feita de forma ligeiramente diferente.

Freyre foi pioneiro ao trazer o negro para o centro do debate identitário brasileiro e ao dedicar-lhe um conjunto extenso de reflexões, contudo, o seu ponto de vista (que chamaríamos de aristocrático) deixa entrever uma sobrevalorização do elemento branco, mesmo que isso não aconteça explicitamente. Como já se afirmou antes, Freyre não deixa de sublinhar a violência imposta pelo sistema colonial, porém, o tom das suas observações parece quase sempre escamotear essa violência e privilegiar o trabalho civilizador do português, sendo que nesses momentos o tom do seu discurso parece bastante idílico⁷. O que acabamos de dizer encontra ilustração, por exemplo, na passagem em que Freyre destaca a superioridade técnica e artística do negro e se refere à “colaboração” que o elemento negro prestou ao colonizador. Repare-se que nas palavras de Freyre é difícil intuir o carácter violento e desigual dessa colaboração:

Tais contrastes de disposição psíquica e de adaptação talvez biológica ao clima quente explicam em parte ter sido o negro na América portuguesa o maior e mais plástico colaborador do branco na obra de colonização agrária; o facto de haver até desempenhado entre os indígenas uma missão civilizadora no sentido europeizante. (FREYRE, 2001, p. 283)

O tom idílico que marca algumas observações de *Casa-grande & Senzala* surge por vezes acompanhado de uma visão patriarcal e paternalista, sobretudo nos momentos em que o autor enfatiza a convivência racial harmoniosa e o papel do elemento negro no seio da família brasileira.

⁶ Note-se que não está aqui em causa a ideia de miscigenação como antídoto contra o barbarismo e a favor da regeneração da sociedade, ideia muito popular no final do século XIX e início do século XX.

⁷ A propósito da maneira como Freyre abordou a questão da violência da sociedade colonial, lembramos o comentário de Abdias do Nascimento: Freyre “made miscegenation the cornerstone of Brazil’s national image as a healthy, robust, non racist nation. Interestingly, Freyre also described the cruelty of the Brazilian slave regime, sometimes in glory detail. But his major thesis was that intimate sexual relations among the races mitigated this cruelty and laid the foundations for a racially harmonious post-abolition society. This idea was married with the image of the benign Catholic slave system, and the myth of racial democracy was born.” (NASCIMENTO, 1992, p. 170).

Um exemplo disso mesmo encontra-se na passagem em que o autor descreve as marcas da influência negra visíveis em “todo o brasileiro”, listando as figuras (quase todas femininas e, obviamente, subalternas) que se encarregaram de transmitir essas marcas. Nesta passagem, tal como em muitas outras, Freyre generaliza e não distingue escravidão doméstica da escravidão em geral, acabando assim por silenciar, uma vez mais, a violência colonial:

(...) A influência direta, ou vaga e remota, do africano. Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de embalar meninos pequenos, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho do pé, de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREYRE, 2001, p. 279)

Para Jorge Amado, a miscigenação e os elementos negro e mulato formam o núcleo das suas preocupações. Em *Tenda dos Milagres* o leitor mergulha na cultura, religião e tradições africanas. Amado dá ao elemento negro o espaço narrativo que este não teve em Freyre, reservando um lugar central à questão da cultura afro-brasileira e aos africanismos, em detrimento da “alta cultura” e do elemento branco (português). O que, enfim, queremos sublinhar com esta justaposição de ações e intenções que aproximam e separam os dois autores é que, ainda que ambos tenham concebido a mestiçagem como transculturação⁸ e, assim sendo, todos os brasileiros seriam mestiços de corpo ou de alma, Freyre de *Casa-grande & Senzala* parece utopicamente mais preso à ideia de “democracia racial brasileira” do que o Jorge Amado de *Tenda dos Milagres* e, conseqüentemente, menos sensível para ver e resolver as contradições e os efeitos perniciosos do seu aparato conceptual.

No prefácio à primeira edição de *Casa-grande e Senzala*, Freyre afirma que, entre os problemas brasileiros, o que o inquieta mais é o da miscigenação, processo que a seu ver “corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre (...) a casa-grande e a senzala”, levando conseqüentemente à “democratização social no Brasil” (FREYRE, 2001, p. 1). De forma errada, segundo o autor, são atribuídos à miscigenação, certos males que incapacitam e impedem o desenvolvimento do Brasil e que decorrem, na sua análise sociológica, da monocultura

⁸ Sobre os conceitos de transculturação e de aculturação, leia-se o seguinte esclarecimento: transculturação é diferente de aculturação já que este conceito implica um “unidirectional movement, the assimilation of an ‘inferior’ culture by the dominant or ‘superior’ one. In contrast to assimilation, transculturation signals a kind of brokerage, and exchange, a give-and-take, a process whereby both parts of the cultural equation are modified and give way to a new sociocultural conglomerate.” (MARTÍNEZ-ESCHAZÁBAL, 1998, p. 37)

latifundiária e da estrutura patriarcal e escravocrata que se instituiu no Brasil, tais males prendem-se com a hiponutrição e com doenças como a sífilis. A partir desta argumentação, a miscigenação é promovida e o Brasil surge como um exemplo de convivência racial cuja representação máxima é a figura do mulato. Assim sendo, o elemento africano tendia lentamente a desaparecer, dando lugar a um tipo físico e a uma cultura propriamente brasileiros.

Trinta e cinco anos após a publicação da famosa obra de Freyre, Jorge Amado convida o leitor a participar no debate racial brasileiro, oferecendo um panorama histórico e sociológico das teorias raciais, assim como denunciando a existência de miséria e de conflitos raciais. Freyre abriu o caminho para a valorização da mestiçagem, mas não foi capaz de se afastar totalmente da hierarquia da sociedade patriarcal herdeira dos tempos coloniais, isto é, da elite rural, por isso, a mestiçagem no seu discurso surge como um processo relativamente harmonioso. Amado, pelo contrário, afastou-se dessa hierarquia, expondo as suas contradições. O escritor baiano valoriza a mestiçagem, mas problematiza-a, ao apontar os preconceitos e conflitos inerentes à cor e à mistura racial. É nesse sentido que interpretamos tanto a violência e a repressão exercida pela elite branca representada na *Tenda dos Milagres* face aos rituais de origem africana, quanto a hipocrisia dessa mesma elite relativamente aos preconceitos de cor⁹. A propósito desta última questão, destaque-se, por exemplo, o episódio em que Tadeu pede a mão de Lu em casamento:

- O senhor abusou da confiança que em si depositamos. Por ser colega de meu filho, nós o recebemos em casa sem levar em conta sua cor e sua procedência. Dizem que o senhor é inteligente, como então não se deu conta que não criamos filha para negro? Agora saia e não volte nunca mais a esta casa senão será posto na rua a pontapés.

- Ainda bem que o defeito de que me acusa é somente a minha cor. (AMADO, 1973, p. 281)

No que concerne à desconstrução da hierarquia da sociedade patriarcal feita por Amado, mencionamos, por exemplo, a inversão dos elementos que protagonizam o processo da mistura racial. Seguindo a hierarquia colonial, a mistura dá-se entre uma figura de poder – o homem branco – e uma figura sobre a qual é exercido (quase sempre com violência) esse poder – a mulher negra. No romance de Amado aqui em análise, o processo de mistura acontece, curiosamente, através de relações de atração física e de amor entre homens mulatos e mulheres brancas (temos dois exemplos: Pedro Archanjo e Kirsi, e Tadeu e Lu).

⁹ Para uma problematização dos conceitos “preconceito de raça”, “preconceito de cor” e preconceito de classe” aplicada à realidade brasileira, veja-se por exemplo o artigo de Antônio Sérgio A. Guimarães incluído na bibliografia.

Uma diferença bastante óbvia e que não pode ser ignorada são as opções políticas dos dois autores. De facto, ambos desempenharam cargos públicos significativos, ainda que a partir de lados político-ideológicos radicalmente opostos: Freyre foi deputado, em 1946, pela União Democrática Nacional, partido de clara orientação conservadora, enquanto que Amado desenvolveu, desde muito cedo, uma consciência política marxista, acabando por ser eleito deputado pelo Partido Comunista, em 1945, e experienciado o exílio devido às suas posições ideológicas¹⁰. A consciência social que Amado demonstra estará certamente relacionada com alguns momentos da sua infância em que este conviveu de perto com trabalhadores rurais (é bom frisar, aliás, que Jorge Amado não cresceu rodeado dos mesmos privilégios familiares e sociais que Gilberto Freyre). Não espanta, por isso, que *Tenda dos Milagres* possa ser lida como uma narrativa impregnada de uma forte mensagem política, que desafia o leitor a pensar na opressão, na pobreza, na distribuição desigual da riqueza e na força hegemónica do poder branco. Vejamos, por exemplo, o trecho seguinte em que Pedro Archanjo e Lídio Corró falam sobre a ascensão social do mulato Tadeu Canhoto, reproduzindo as ideias marxistas da personagens Fraga Neto:

Tadeu partiu daqui, aqui começou a sua escalada, subiu e já não é daqui, meu bom, é do Corredor da Vitória, da família Gomes, é o doutor Tadeu Canhoto. (...)

O doutor Fraga Neto diz que não é branco nem negro, há rico e pobre tão-sòmente. O que é que você quer, compadre? Que o moleque estude e continue aqui na pobreza do Tabuão? Foi para isso que ele estudou? Doutor Tadeu Canhoto, genro do coronel, herdeiro de terras e gado, bôlsa na França, viagem na Europa, não há branco nem negro, no Corredor da Vitória o dinheiro embranquece, aqui miséria negra. (...) A divisão do branco e negro, meu bom, se acaba na mistura, em nossa mão já se acabou, compadre. (AMADO, 1973, p. 344)

Este trecho parece-nos igualmente relevante na medida em que expõe a figura do mulato que, depois de ascender financeira e socialmente, se afasta das suas raízes familiares e raciais e começa a ser tratado como branco. As palavras de Pedro Archanjo que acabamos de citar mostram não só o facto de a distribuição da riqueza ser feita racialmente, mas também uma certa desilusão face ao embranquecimento que resulta da ascensão social e financeira com prejuízo para as raízes africanas. É interessante lembrar que essa ascensão social surge igualmente impressa nas palavras da mãe de Lu que, já conformada com a relação amorosa entre a filha e Tadeu e sabendo que este

¹⁰ É curioso lembrar que Freyre e Amado tiveram posições contrárias relativamente à ditadura do Estado Novo em Portugal. Ao contrário de Freyre que apoiava a ditadura salazarista e estimava Salazar, Jorge Amado condenava a ditadura portuguesa e empenhou-se publicamente na libertação do líder comunista Álvaro Cunhal, em 1954.

último se aproximava do fim dos seus estudos de engenharia, se refere a ele usando a expressão “moreno tão queimado”.

A fortuna crítica sobre estes dois autores, aproxima-os, sobretudo, por causa da valorização que ambos fazem dos elementos regionais e genuinamente brasileiros e, com frequência, enfatiza a importância que o pensamento de Freyre teve na obra de Amado. Sabe-se que os dois autores se liam e sabe-se também que Freyre apreciava Amado por este saber “transfigurar ‘tipos antropológicos’ em personagens” e por “registrar a realidade e a memória regionais”, como comenta Goldstein (2000, p. 106). Já Jorge Amado elogiava os conhecimentos que Freyre tinha sobre o Brasil e a plasticidade da sua escrita, argumentando que *Casa-grande & Senzala* era um livro “pensado e escrito em brasileiro”¹¹.

Ilana Goldstein, em *O Brasil Best Seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional*, refere que, embora Amado não seja tão abertamente lusófilo, as leituras freiriana e amadiana da história e da identidade nacional brasileiras são semelhantes na medida em que ambas apontam para o “fusionismo étnico e social brasileiro” e elaboram uma versão da “fábula de três raças” em que os elementos branco e negro assumem uma importância maior do que o elemento indígena (para os dois autores, este elemento terá sido apenas o primeiro substrato orgânico da miscigenação). Desta feita, a influência da interpretação do Brasil de Freyre na obra de Jorge Amado é, segundo Goldstein, mais do que evidente e, nesse sentido, afirma: “quando dava opiniões sobre problemas nacionais, religião, arte ou novos livros, Amado recorria a argumentos muito próximos aos de Freire, sem citá-lo.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 115)

Um exemplo dessa influência pode ser visto nas entrelinhas de *Tenda dos Milagres*. De facto, à superfície deste romance emergem tanto o pensamento da democracia racial proposto por Freyre quanto, curiosamente, alguns dos seus dados biográficos, tais como a referência à figura do seu estimado professor de sociologia da *Columbia University*, Franz Boas. É interessante notar, porém, que o diálogo que Amado estabelece com Freyre neste romance parece-nos mais paródico¹² do que simplesmente reverenciador. Amado segue a utopia de Freyre que assenta na esperança de um futuro mestiço, contudo, ao privilegiar o vivido e não escolhendo a perspectiva narrativa da elite, Amado denuncia as condições de vida das classes mais baixas e socialmente oprimidas e, nesse sentido, afasta-se significativamente de Freyre.

¹¹ Este e outros comentários semelhantes surgem no texto “*Casa-grande & Senzala* e a revolução cultural” citado por Ilana Goldstein, 2000, p. 112.

¹² Paródico não no sentido de subverter e ridicularizar, mas no sentido de dialogar e até de se distanciar criticamente. Estamos a pensar, portanto, no conceito de paródia trabalhado por Linda Hutcheon.

Tenda dos Milagres parece-nos mesmo um romance em que a esperança e o amor cedem lugar a certa tragicidade e até pessimismo em relação à identidade racial brasileira, as condições de miséria em que Pedro Archanjo morre ou o descompasso entre a pompa com que se comemora o seu centenário do nascimento e o desconhecimento que os organizadores dessas comemorações têm efetivamente da sua vida e obra são apenas dois meros exemplos.

Embora se possa dizer que *Tenda dos Milagres* renova o elogio da mestiçagem que se encontra em Freyre, ao mesmo tempo em que condena as teorias racistas segundo as quais a mestiçagem levaria à degradação, não conseguimos ler esse elogio sem repararmos que a mistura biológica, cultural e simbólica é muitas vezes problemática, já que os diferentes estratos socioeconómicos não convivem necessariamente bem.

Usando, de forma ampla, o mundo extraliterário (referimo-nos ao facto de a maioria das personagens de *Tenda dos Milagres* terem sido construídas com base em figuras históricas¹³), Amado ilustra o extenso debate em torno da formação da identidade brasileira, não escamoteando a existência de intolerância e de preconceitos de cor, de raça e de classe, nem a convivência nem sempre harmoniosa entre erudito e popular.

Não nos opomos ao facto de os romances de Amado poderem (devido ao seu “humanismo brasileiro” e à estetização da figura do/a mulato/a) constituir uma espécie de continuação da leitura positiva do mito das três raças proposta por Freyre, ou seja, não contrariamos o facto de os romances de Amado tratarem a mestiçagem como alicerce onde se acomodam as várias camadas da brasilidade (como sendo, a sensualidade, o otimismo, a predominância da familiaridade, do pessoalismo e personalismo nas relações sociais etc). Todavia, na urdidura narrativa de *Tenda dos Milagres*, o leitor pode perfeitamente encontrar pistas mais do que suficientes para desafiar as incongruências desse mito e perceber que, como diz Goldstein, “a representação da identidade nacional mestiça (...) nada mais é que um recorte parcial da sociedade e da história brasileiras.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 285)

É curioso que os romances de Amado têm sido interpretados de formas diametralmente opostas. Se para alguns críticos eles são o expoente máximo do elogio da miscigenação e da defesa dos valores afro-brasileiros, há outros críticos que os leem com mais reservas. Abdias do Nascimento, por exemplo, não se cansou de indicar que a obra de Amado está permeada de “white supremacist stereotyping of African characters (complete with ‘animal instincts’), and portrayal of Afro-Brazilian religion and its largely female leadership in primitively erotic terms” (NASCIMENTO, 1992, p. 156).

¹³ Ilana Goldstein aponta e comenta diversos exemplos, cf. pp. 173-204.

As reflexões que fizemos até aqui não têm a pretensão de oferecer uma chave de leitura definitiva sobre a forma como Freyre e Amado trataram a questão da identidade racial brasileira. O assunto é complexo e exige um tipo de estudo que ultrapassa os objetivos deste breve ensaio, no entanto, foi nossa atenção tentar desafiar a aproximação simplista que coloca os dois autores no patamar dos promotores do mito da democracia racial.

REFERÊNCIAS:

- AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 10ª ed., São Paulo: Livraria Martins Editora, 1973.
- _____. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. 1968. Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. Disponível em <http://bvgf.fgf.org.br/portugues/index.html>. Acesso a abril 2014.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. 10ª ed., Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2001.
- GOLDSTEIN, Ilana. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. “Preconceito de cor e racismo no Brasil”, *Revista de Antropologia* (USP). São Paulo, v. 47, n.1, 2004, p. 9-44.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Africans in Brazil – A Pan-African Perspective*. NJ: African World Press, Inc., 1992.
- MARTÍNEZ-ESCHAZÁBAL, Lourdes. “Mestizaje and the Discourse of National/Cultural Identity in Latina America, 1845-1959.” *Latin American Perspectives*. Vol. 25, n. 3, 1998, p. 21-42. Disponível em <http://lap.sagepub.com/content/25/3/21.extract>. Acesso em abril 2016.
- MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: Paralelo entre duas culturas*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/ribeiro_darcy_povo_brasileiro_formacao_e_o_sentido_do_brasil.pdf. Acesso em abril 2016.